A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E DESLOCAMENTOS: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES GUINEENSES ACERCA DE SUAS TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS

Opénhy Gomes Cá[1]

Mário Henrique Castro Benevides[2]

RESUMO

Este trabalho analisa as trajetórias de estudantes guineenses egressos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), considerando a cooperação educacional entre Brasil e Guiné-Bissau. A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseia-se em quatro entrevistas semiestruturadas e busca compreender experiências de migração estudantil, formação acadêmica, inserção profissional e construção de identidades. Os resultados evidenciam que a experiência na UNILAB ultrapassa a formação universitária, contribuindo para transformações pessoais, profissionais e identitárias, além de fortalecer vínculos entre Brasil e Guiné-Bissau, também conta com o compromisso de desenvolvimento do país parceiro.

Palavras-Chave: Unilab; Migração estudantil; Identidade; Cooperação educacional.

1. INTRODUÇÃO

Os estudantes guineenses com sonho de estudar no exterior têm Portugal e Brasil como seu destino, e a preferência da maioria dos estudantes é Portugal. Segundo Mourão (2009), o fator é a influência que Portugal exerce como antiga metrópole, e sempre abrigou uma grande população de imigrantes dos Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP), assim os estudantes podem contar com suporte de familiares. Já o caso de Brasil, até hoje causa uma certa insegurança, principalmente por causa dos

[1] Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira
[2] Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira

programas televisivos que mostram principalmente a criminalidade no país de uma forma privilegiada e exacerbada. Essa imagem de violência no Brasil repercute também na decisão de famílias estrangeiras. E de acordo com Silva (2011, p. 95), existem estereótipos constituídos no Brasil, que marginaliza e estigmatiza, considerando as diversidades étnicas, culturais, físicas, além da gama de desigualdades sociais. Ideias ou entendimento que associam a criminalidade à pobreza atribuem o problema da violência às classes menos favorecidas.

Para quem vive fora do Brasil e acompanha frequentemente a televisão Brasileira essas imagens são propagação da ideia de que a criminalidade está diretamente associada à pobreza, o que contribui para a culpabilização das classes menos favorecidas pelos problemas de violência. E isso causa uma certa insegurança ou medo de vir estudar no Brasil.

Todavia, isso foi mudando aos poucos, ao longo do tempo, e hoje o Brasil também passou a ser um dos destinos importantes, para os/as estudantes guineenses, tendo nas relações de cooperação educacionais entre governo brasileiro e guineense uma grande aliada no processo de internacionalização. Assim, a política externa brasileira, sobretudo na área da educação possibilitou a construção de diversos acordos educacionais entre os dois países que estimulam e facilitam a vinda de muitos/as jovens guineenses para o Brasil. Um desses acordos é através da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB) que possibilita a vinda de estudantes guineenses para o Brasil.

Os acordos de cooperação educacional entre os dois países desempenham um papel importante no acesso à educação superior para jovens guineenses. Nesse contexto através da quantidade de guineenses já formados, a Unilab também destaca como uma das principais Instituição de Ensino Superior (IES) responsável por concretizar essa política de internacionalização e cooperação acadêmica. Esse resultado reforça a relevância dessa cooperação, favorece a circulação de conhecimentos, fortalece o vínculo entre os países da língua oficial portuguesa e favorece na formação de quadros.

A presente pesquisa tem o propósito de refletir sobre a construção da trajetória de estudantes guineenses, a partir da análise de um dos programas de cooperação educacional entre o Brasil e os Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP): o caso da UNILAB. Buscamos entender o que pensam estudantes-egressos de Guiné

Bissau acerca de suas experiências de trânsito, formação e profissionalização, mapeando suas atuais experiências-lugares e o modo como chegaram a elas.

Por outro lado, essa pesquisa também procura entender a cooperação educacional entre Brasil e Guiné-Bissau a partir das falas dos sujeitos entrevistados. Trata-se, portanto, de uma reflexão sobre a vida dos estudantes beneficiados da cooperação educacional Brasil-Guiné-Bissau. Como e onde eles estão hoje? Para aqueles que ainda estão se beneficiando dessa cooperação, de algum modo, aqui no Brasil, quais as expetativas de retorno ao país de origem? Desse modo também pretendemos saber o motivo pelo qual estudantes retornam ou não retornam ao país de origem, tomando algumas falas e discursos como base para ilustrar possibilidades de entendimento deste tipo de experiência.

No dia 20 de julho de 2010 foi sancionada a lei 12.289 pelo presidente Luiz Inácio Lula Da Silva, lei que dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional Da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB), com uma missão de formar recursos humanos para contribuir na integração entre Brasil e os países membros da CPLP (Brasil, 2010)

E a Unilab veio a ser inaugurada no dia 25 de maio de 2011 (dia da África) com uma aula de abertura lecionada pelo então Ministro da Educação, Fernando Haddad. Essa aula inaugural contou com a presença do então governador do Ceará, na época, Cid Gomes, a então prefeita de Redenção Francisca Bezerra e outras entidades (Unilab, 2013).

Esta é a primeira universidade no Brasil criada especificamente para unificar o idioma português entre os estudantes brasileiros e os estudantes internacionais (PALOP e Timor Leste). Foi a segunda universidade federal construída no governo Lula, criada quase que ao mesmo tempo que a primeira, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), no ano de 2010, situada no estado do Paraná, em Foz do Iguaçu (Unilab, 2013).

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, tendo como procedimento de coleta de dados a realização de quatro entrevistas semiestruturadas com egressos guineenses dos cursos de graduação da UNILAB. A fim de contemplar diferentes perspetivas, participaram da pesquisa dois homens e duas mulheres selecionados por sua experiência acadêmica na instituição. As entrevistas possibilitaram compreender as percepções dos participantes acerca de suas trajetórias educacionais, considerando os

desafios, as estratégias de permanência, as experiências vivenciadas e os significados atribuídos a formação universitária na Unilab.

2. UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE MIGRAÇÃO ESTUDANTIL

A Guiné-Bissau é um país que posteriormente a declaração da sua independência mergulhou em sucessivas crises políticas maioritariamente envolvendo as forças armadas. Essas crises políticas afetaram negativamente diversas áreas da sociedade guineense e a educação foi uma delas, motivo pelo qual se observa a precariedade no ensino guineense (SEIDI; INTUMBO; CAETANO, 2022, p.64 apud CARDOSO, 1995, 2002).[3]

Segundo Rizzi (2014) em 1975, o então comissário de estado dos negócios estrangeiros da Guiné Bissau Victor Saúde Maria, visitou o Brasil e apontou necessidades de apoio que a Guiné Bissau necessitava no momento, sobretudo na área de educação que acabou resultando no acordo básico de Cooperação Técnica e Científica entre governo guineense e brasileiro, acordo que veio a ser aprovado no congresso brasileiro no dia 18 de maio de 1978. Esse acordo possibilitou a entrada da Guiné Bissau no Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G), permitindo também vinda de estudantes Guineenses anualmente para o Brasil a fim de cursar graduação.

Segundo Ministério das Relações Exteriores o PEC-G foi criado em 1964 e oficializado em 1965, possibilitando aos estudantes dos países com qual o Brasil mantém acordo de cooperação educacional se graduarem nas IES brasileiras.

Isso mostra que o PEC G é o mais tradicional programa do governo Brasileiro de cooperação internacional na área da educação. Muito antes da criação da Unilab já

[3] Eu vivenciei as crises políticas na Guiné Bissau e sofri as consequências como todo guineense, vi como isso afetou a educação e como a educação não é priorizada no meu país, e isso constitui um dos fortes motivos de estudantes guineenses procurarem ensino superior no exterior.

vinham estudantes guineenses para o Brasil ou as universidades Brasileiras já tinha formado estudantes Guineenses.

Também existe Programa de Estudantes-Convênio de Pós-graduação (PEC-PG), foi criado oficialmente em 1981. O Pec-pg oferece bolsas de estudo para nacionais de países com os quais o Brasil possui acordos de cooperação educacionais (sendo os mesmos países que o Pec-g atende) para formação em cursos de pós-graduação strictu sensu em IES brasileiras (CAPES, 2026).

A cooperação entre Brasil e Guiné-Bissau não se limita só a relações de acordos comerciais, o Brasil desenvolve projetos de cooperação técnica voltados para áreas de educação, contribuindo para o desenvolvimento da Guiné Bissau no que toca à formação de recursos humanos e quadros profissionais. Essa cooperação também ocorre por meio de comunidade dos países de língua portuguesa, fortalecendo diálogos políticos e ações conjuntas entre os países membros, no qual o idioma português atua como um elemento favorecedor nessa cooperação.

O Brasil agora é um dos destinos mais procurados por um número significativo de estudantes guineenses no ensino superior. A UNILAB já formou 1.220 estudantes guineenses desde sua abertura em 2011 até março de 2025.[4] Uma das motivações que se observa e que se configura como razão para saída de estudantes guineenses do país para estudar nas universidades brasileiras seria a falta de ensino de qualidade e boas infraestruturas educacionais no ensino superior guineense. Outra motivação é pela gratuidade das universidades federais brasileiras e pelo crescente número de vagas nessas instituições, além também da oportunidade de ter bolsas de auxílio estudantil por parte do governo brasileiro, como é o caso da Unilab, facilitando assim a permanência dos estudantes no Brasil.

A migração estudantil internacional tem se estabelecido como um fenômeno cada vez mais presente no contexto da internacionalização do ensino superior. A mudança de estudantes do seu país para outro a procura de melhor formação académica, envolve objetivos educacionais, fatores económicos, sociais, culturais e profissionais. Dessa forma a análise da migração estudantil permite compreender como acesso à educação

[4] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). Relatório de gestão 2025. Redenção: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2025.

internacional está relacionada a dinâmica de mobilidade social, oportunidades de crescer profissionalmente e a desigualdade entre países (GUSMÃO, 2009, P. 13).

De acordo com Hall (1992) um tipo diferente de mudanças estruturais estava ocorrendo nas sociedades modernas no final do século XX e essas mudanças estruturais dividiram as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido consistentes localizações como indivíduo. O autor ainda afirma que estas transformações estão afetando nossas identidades pessoais, comprometendo a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Hall denomina isso de deslocamento ou descentração do sujeito. Observaremos isso mais a frente, no caso guineense.

A experiência de estudar no exterior especificamente aqui no Brasil transformou a forma como eu me vejo e como sou visto pelos outros. Um exemplo claro disso é a consciência de questões raciais, pois foi aqui no Brasil que entendi sobre o assunto: aqui entendi que sou um estrangeiro negro e preto e como isso impacta na sociedade brasileira.

Segundo Souza e Malomalo (2016), o racismo vivenciado por estudantes africanos na Unilab está relacionado à ausência de políticas institucionais voltadas para as questões étnicas-raciais e de gênero, em um contexto social marcado pelo patriarcalismo, pela homofobia e pelo racismo.

Essa análise evidencia que as dificuldades que enfrentamos não decorrem apenas de atitudes individuais, mas também de fatores estruturais presentes nas instituições e na sociedade brasileira. Dessa forma, a integração acadêmica e social dos estudantes internacionais depende não apenas de políticas de acesso ao ensino superior, mas também da implementação de ações institucionais voltadas à promoção da igualdade racial, da inclusão e do combate às diferentes formas de discriminação.

Diante desse contexto, de que maneira a experiência migratória e o contato com as relações étnico-raciais no Brasil influenciam o processo de construção e reconstrução das identidades? Quais impactos a experiência de estudar no Brasil produz na forma como estudantes guineenses compreendem sua identidade racial, cultural e nacional?

Essas duas perguntas permitem compreender que a experiência migratória ultrapassa a dimensão de deslocamento geográfico acadêmico. Ela envolve processos de ressignificação da identidade, do pertencimento e da percepção das relações étnico-raciais.

Ainda nos escritos de Hall (1992, p. 9), esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo cria uma "crise de identidade" para uma pessoa.

O estudante internacional na Unilab vivencia exatamente ''esse duplo deslocamento'' descrito pelo Hall, já que o estudante africano na Unilab deixou seu país, sua família, seus hábitos e costumes do outro lado do oceano e passa a interagir com novos valores e costumes e diferentes formas de falar ou novas linguagens, novo sistema educacional. Isso provoca descentração de um indivíduo porque os parâmetros que orientavam sua vida no dia a dia deixaram de ser plenamente válidos, da mesma forma o indivíduo é levado a recompor as suas emoções e percepções, questionando identidades anteriormente consolidadas. Com esse novo cotidiano que o estudante se depara ele passa a ajustar a sua identidade entre a cultura de origem e a cultura de acolhimento.

Nestes termos, a pesquisa buscou investigar as "medidas" deste deslocamento, organizando entrevistas com egressos guineenses da UNILAB e ponderando sobre seus discursos no campo da organização de uma ideia de si e de suas trajetórias. O processo de entrevistas, de natureza ilustrativa, capta algumas falas e discursos de modo a possibilitar um "aceno" ou um estudo "artesanal" (MILLS, 1975) das ideias produzidas por esses atores sociais.

3. A construção das entrevistas.

A presente pesquisa não tem objetivo representativo, ou seja, não tem intenção de representar todos os guineenses em termos estatísticos. É, como dito antes, um exercício mais ilustrativo, que nos permita pensar singularidades de experiências individuais no plano da construção de noções de identidade. Os sujeitos selecionados nessa fase da pesquisa, feita por meio da entrevista, foram quatro estudantes guineenses egressos dos cursos de graduação na Unilab, dois homens (Cairo e Lagos) e duas mulheres (Kinshasa e Acra). Os nomes são fictícios e escolhidos entre nomes de importantes

cidades do continente africano[5]. Entre os entrevistados, um atua profissionalmente na sua área de formação na Guiné-Bissau, e os restantes estão fazendo pós-graduação (mestrado e doutorado) aqui no Brasil. Suas identidades foram preservadas e os mesmos aparecem numerados.

Os participantes foram selecionados, considerando os seguintes critérios: ser estudante guineense egresso de curso de graduação da Unilab, ter concluído a formação universitária e estar inserido em diferentes trajetórias pós-formação, seja no mercado de trabalho na Guiné-Bissau, seja na continuidade dos estudos em nível de pós-graduação no Brasil. A escolha buscou contemplar experiências de construção identitária, bem como assegurar a participação equilibrada de homens e mulheres.

Para Goldenberg (2004, p. 14), na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador está voltada para o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma trajetória ou de uma organização (do grupo que pretende pesquisar). Dessa forma, a representatividade numérica dos participantes não constitui o principal critério de validade da investigação.

Desse modo foram realizadas quatro entrevistas *semiestruturadas* com sujeitos que têm experiência pessoal sobre o assunto, os quais relataram vivências e experiências durante o curso de graduação. Os objetivos centrais da entrevista foram: conhecer o interlocutor; a mudança de Guiné-Bissau para o Brasil; analisar as experiências vividas nas cidades onde realizaram a graduação; e, por último, promover uma autorreflexão. As entrevistas foram realizadas em língua portuguesa por meio da plataforma google meet.

A relação entre pesquisador e pesquisado não se resume só ao momento de encontro e a sua dinâmica própria, essa relação já começa a ser delimitada pelo modo de recrutamento, como é informado o tema de pesquisa, a forma que a entrevista vai ser feita, algumas diferenças como classe social, o gênero, a idade ou raça, que influencia e modificam essa relação (SIONEK; ASSIS; FREITAS, 2019, P. 5 apud ALSAWI, 2014). Todos os entrevistados foram previamente informados do conteúdo e da forma como a entrevista será feita. Assim eles aceitaram logo de início e mostraram satisfação em

[5] Os nomes escolhidos, ligados a cidades relevantes da África, buscam apenas ilustrar a dupla relação de viagem e busca de identidade dos entrevistados; afinal, cidades são lugares e coletivos, bem como fluxos de mudança e permanência. Os nomes não indicam origens dos pesquisados.

participar da pesquisa e a importância de nos apoiarmos enquanto estudantes e pesquisadores académicos.

As entrevistas foram realizadas em outubro de 2025, de modo remoto e síncrono, fundadas na ideia de que esta é uma pesquisa qualitativa, combinando um roteiro pré-definido com a flexibilidade de explorar novas perguntas. São quatro egressos/as da UNILAB entrevistados/as que serão designados por ordem numérica e de acordo com os seus gêneros.

Cada entrevista foi organizada em quatro partes, cada parte com o seu tema central: na primeira parte da entrevista o objetivo foi conhecer os interlocutores; na segunda parte a intenção é entender o processo de mudança de país de origem para estudar no Brasil; na terceira parte é sobre a cidade para qual se mudou e na quarta e última parte é sobre autorreflexão, entender como eles se beneficiaram das suas formações, aonde e o que estão fazendo atualmente.

4. UMA ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS GUINEENSES.

Durante as entrevistas foram feitas aos participantes perguntas sobre expectativa para o futuro quando eram ainda estudantes na Guiné-Bissau e responderam da seguinte forma:

> Eu entrei na faculdade de Economia com 19 anos, naquele período a expectativa era terminar o curso, conseguir um emprego e se casar, mas saiu tudo ao contrário quando terminei o curso nem estágio consegui fazer e pensei em migrar para Portugal, gastei muito dinheiro, mesmo assim não deu certo. (Kinshasa).
>
> Na verdade, eu sempre tinha expectativa de fazer ensino superior, só que não tinha meios para ingressar no ensino superior em Guiné-Bissau porque não tinha condições de pagar mensalidade, eu tinha vocação mais para a área jurídica.'' (Cairo).
>
> Quando eu estava em Guiné, estava fazendo um curso porque no momento era o que estava ao meu alcance e com receio de ficar parada sem fazer nada, por isso estava fazendo contabilidade e gestão, não tinha nenhuma expectativa de fazer algo no futuro.'' (Acra).
>
> Eu sempre queria ser piloto, depois apaixonei pela matemática querendo ser professor e não continuei com essa ideia talvez por falta de alguém que me impulsionasse e mais tarde pensei em

> fazer medicina e finalmente migrei para curso de Letras língua portuguesa e gostei de aprender as complexidades linguísticas e gramaticais, mas sempre sonhei em ser professor. (Lagos).

Podemos notar, já de início, que os elementos associados a escolha e a percepção de si dos entrevistados oscila, principalmente, entre a busca de lugar profissional, os anseios para com uma identidade de trabalho e a preocupação com seu tempo e trajetória ("receio de ficar parada sem fazer nada"). O desafio da viagem, da mudança e da readaptação exigidas pelo processo de "migração" do estudo coloca esses indivíduos contra uma autoanálise: quem somos? O que podemos ser? E o mundo do trabalho parece ser um elemento indicador, através da formação profissional e do diploma universitário. Observa-se também que as trajetórias dos entrevistados não seguiram percursos lineares. Os depoimentos demonstram mudanças de planos, reorientações profissionais e reformulações constantes dos projetos de vida. A dificuldade de acesso ao ensino superior, a escassez de oportunidades de trabalho e as incertezas em relação ao futuro aparecem como elementos que influenciaram diretamente suas escolhas educacionais e profissionais.

Sobre a forma como souberam da possibilidade de vir estudar no Brasil, todos os entrevistados relataram que tomaram conhecimento da Unilab por meio de pessoas próximas (familiares e amigos) que também foram estudantes dessa instituição de ensino:

> "O meu tio é um dos primeiros estudantes na Unilab, fez matemática e o meu primo também estudou aqui na Unilab todos me falavam da Unilab" (Kinshasa);
> "Eu soube da Unilab em 2014 quando viajei para China, conversava com o meu amigo de infância, ele conseguiu ingressar na Unilab e estava fazendo curso de enfermagem" (Cairo);
> "Através do meu primo, ele veio para Unilab da Bahia em 2017" (Acra); "o meu amigo veio me falar sobre inscrição no processo seletivo da Unilab [...]" (Lagos).

Percebe-se, aqui, a importância da Unilab para os estudantes oriundos de Palop, para Guiné-Bissau um país onde a educação não é prioridade e se observa a precariedade no ensino. Todos nós somos obrigados a procurar ensino superior no exterior, qualquer um que passar pela Unilab sempre carrega consigo as experiências vividas, e com maior orgulho indica qualquer conhecido a cursar o ensino superior na Unilab. A Guiné-Bissau, é um país marcado por desafios históricos no campo educacional e por limitações na

oferta de ensino superior, a busca por formação no exterior aparece como uma alternativa encontrada por muitos jovens para ampliar suas possibilidades acadêmicas e profissionais. Nesse contexto, a Unilab assume um papel significativo para estudantes oriundos dos PALOP, especialmente por possibilitar o acesso ao ensino superior e fortalecer redes de circulação entre esses países e o Brasil.

Fica sugerido que as experiências compartilhadas pelos entrevistados também revelam que a passagem pela Unilab ultrapassa a dimensão acadêmica, tornando-se parte de uma trajetória de vida marcada por novas experiências, vínculos sociais e construção de identidades. Dessa forma, os estudantes que tiveram acesso à instituição tendem a compartilhar essas oportunidades com seus familiares e conhecidos, contribuindo para a formação de novas redes de estudantes interessados em ingressar no ensino superior brasileiro.

Perguntados sobre a motivação de escolher Brasil para ensino superior, encontramos:

> De preferência eu queria Portugal, mas o Brasil foi minha primeira tentativa de estudar no exterior por conta própria, mas não deu certo porque não consegui visto e voltei a tentar de novo, desta vez foi para Unilab e apareceu como uma oportunidade em que eu não precisava pagar para fazer inscrição ou teste de admissão era uma bolsa de estudo que atendia o meu perfil económico. (Cairo).
>
> Foi uma oportunidade que apareceu, também não tinha outras escolhas e outras opções, primeira oportunidade e agarrei com duas mãos. (Acra).
>
> Depois que fui selecionado no processo seletivo eu queria desistir porque também nesse mesmo período eu fui selecionado no Instituto Camões em Bissau, nesse caso, tinha que fazer uma escolha, queria logo começar a estudar no instituto Camões mas, tinha um professor do Instituto Camões que soube que eu queria desistir da Unilab e ele veio falar comigo aconselhando a não abrir mão da Unilab e me falando das vantagens de estudar no Brasil e ter condições de fazer muitas outras coisas fora Licenciatura no caso seguir para pós-graduação, então ele conseguiu me convencer a vir para Brasil (Lagos).
>
> "As motivações foram o incentivo dos meus familiares, amigos que estudaram aqui no Brasil, qualidade e gratuidade de ensino". (Kinshasa).

De acordo com as falas, percebe-se que as condições econômicas exerceram influência significativa na escolha do destino acadêmico, Embora Portugal apareça em alguns relatos como um destino inicialmente desejado, as limitações financeiras e as dificuldades de acesso fizeram com que o Brasil se apresentasse como uma alternativa mais viável. Nesse contexto, a gratuidade do ensino superior oferecida pela Unilab constitui um dos principais fatores que influenciaram a decisão dos estudantes.

Além do ponto de vista econômico, os depoimentos dos entrevistados evidenciam a importância das redes de apoio na construção dos projetos de mobilidade estudantil. Familiares, amigos e professores desempenharam papel fundamental ao proporcionar informações, incentivo e orientação durante o processo de tomada de decisão. Dessa forma, a escolha pelo Brasil não pode ser compreendida apenas como uma decisão individual, mas também como resultado de relações sociais que contribuíram para ampliar as possibilidades de acesso ao ensino superior.

Sobre as experiências vividas durante o início do curso de graduação na Unilab os participantes relataram experiências distintas:

> Foi uma boa experiência, porque pude compreender o que é pesquisa acadêmica e participar de diferentes espaços da universidade, como grupos de pesquisa, o Conselho Universitário e a comissão eleitoral para a reitoria, o que contribuiu para minha formação acadêmica e política. (Lagos).

> Eu sou uma pessoa simpática e aberta, converso com todos, as experiências foram boas aproveitei muito o projeto de pesquisa no qual estava inserido dedicado totalmente só para meninas, denominado “Gênero e Feminismo na ÁFRICA global” foi um momento de partilha e resistência porque estar numa universidade na diáspora longe de família de amigos de infância é difícil, construí amizades com professores/as que sempre que eu tinha alguma dúvida me esclareciam (Kinshasa).

> Foi uma experiência boa, apesar de ter seus momentos altos e baixos, no início foi difícil porque eu ingressei no curso de enfermagem e não queria fazer esse curso. Então eu vim com essa intenção de mudar de curso, e fiz quase 2 anos num curso que eu não queria fazer só depois consegui mudar para administração pública, o processo de mudança foi difícil e isso me motivou a entrar nas representações estudantis, primeiramente comecei no DCE e levei a pauta de transferência de curso como um processo que deveria ser contínuo (cada semestre), felizmente conseguimos, agora Unilab abre edital de mudança de curso cada semestre. Quando consegui mudar para administração pública,

> finalmente senti que estou fazendo um curso, e isso mudou a minha forma de estar na Unilab mudou minhas perspectivas e assim vai. Tive a honra de participar na associação de estudantes guineenses (presidente) e a relação com as pessoas foi boa, nunca briguei com ninguém e eu considero uma experiência boa. (Cairo).

> "Quando cheguei na Unilab os veteranos do meu curso sempre mostraram disponibilidade em me apoiar, senti acolhida e consegui integrar rapidamente e não tive dificuldades em termos de adaptação." (Acra).

Aqui percebe-se que os entrevistados foram pessoas ativas na comunidade estudantil, encontraram algumas dificuldades no início do curso, mesmo assim seguiram adiante e ingressaram nas representações estudantis levando pautas que visam melhorar e facilitar os estudantes que pretendem ingressar no curso.

Essas experiências podem ser compreendidas de acordo com Stuart Hall (1992), as identidades são construídas continuamente por meio das experiências sociais e das relações estabelecidas pelos sujeitos em diferentes contextos. Nesse sentido, a participação em grupos de pesquisa, associações estudantis e projetos acadêmicos possibilitou aos entrevistados reconstruir suas identidades enquanto estudantes universitários, migrantes e membros de uma comunidade acadêmica internacional.

Todos confirmaram que recebiam apoios financeiros do governo brasileiro por meio do Programa de assistência estudantil (PAES) e bolsas, este último foi crucial no autossustento ou para poder se manter na Universidade. A maioria disse que o valor de auxílio do PAES (530 reais) referente à moradia e alimentação precisa ser atualizado (aumento), porque não conseguiam se manter na universidade só com esse valor.

> O meu trabalho de conclusão de curso foi sobre assistência estudantil na Unilab, fiz uma avaliação auto etnográfica no qual o autor é participante falei com base na minha própria experiência, o estudante ganha no máximo 530 reais isso referente a duas modalidades de auxílio que é alimentação e moradia, esses valores já estão vários anos sem serem atualizados, e não atende as demandas, os estudantes se limitam a terem seus espaços, assim é obrigado a compartilhar moradia e isso acaba trazendo relações nada saudáveis para certas pessoas, já presenciei situações desagradáveis, e para quem pretende usar seu próprio espaço hoje em dia em Acarape você não consegue uma casa com menos de 250 reais então quem ganha 530 reais quase que não

> consegue pagar suas contas, mas querendo ou não esse valor consegue atender o mínimo. (Cairo).

> Tendo em conta os produtos no mercado local, não dá para sobreviver com 530 reais, na minha época de graduação antes de conseguir bolsa sempre tive apoios financeiros da minha família não dependia só dos 530 reais. Beneficiei de bolsa de PIBID por 2 anos e depois beneficiei de bolsa de Residência Pedagógica, com as bolsas não precisei de apoio financeiro da minha família (Acra).

> O PAES precisa ser melhorado, o que me ajudou muito foi a bolsa de iniciação científica, juntando com PAES eu conseguia pagar as minhas contas, fazer as minhas coisas. Não dá pra viver com 530 reais o estudante precisa morar com dois ou três pessoas para ter uma condição um pouco melhor sendo que assim vê sua privacidade afetada (Kinshasa).

> Não sei quais mudanças foram feitas, mas na minha época o programa no geral foi bem pontual em atender as necessidades dos estudantes, providenciaram os meios para que possamos ser acolhidos assim que chegarmos no Ceará no aeroporto de Fortaleza, ônibus foi nos receber e nos levaram para a casa dos nossos acolhedores e também foram garantidos apoios financeiros aos nossos acolhedores para ajudar nas despesas, recebemos orientação de tutores. Então PAES é um programa excelente na Unilab, foi através desse programa que tirei meu CPF e RG com facilidade, sim é preciso melhorar algumas coisas na forma de comunicação dos responsáveis, tutores, acolhedores e acolhidos, muita coisa precisa ser esclarecida de forma bem clara porque sempre surge alguma dúvida sobre deveres e obrigação. Mas de modo geral posso avaliar que atenderam a minha demanda. Tive auxílio de 530 reais e depois de um ano consegui bolsa, trabalhei como tutor sendo bolsista remunerado, trabalhei no grupo de pesquisa como bolsista, trabalhei no Pibid como bolsista (Lagos).

Analisando essas declarações dos egressos da Unilab, percebe-se que PAES desempenhou um papel fundamental no processo de acolhimento e permanência dos estudantes guineenses na Unilab. Entretanto, os relatos também evidenciam que o auxílio financeiro, isoladamente, não era suficiente para garantir todas as condições necessárias à permanência universitária. Nesse sentido, as bolsas acadêmicas aparecem como um complemento indispensável, permitindo que os estudantes ampliassem sua autonomia financeira e reduzissem a dependência do apoio familiar.

Os depoimentos também revelam que o PAES não só fornece recursos financeiro, mas também participa do processo de integração dos estudantes ao novo espaço social e acadêmico. O acolhimento inicial, o acompanhamento por tutores e o auxílio para regularização de documentos no território Brasileiro.

Quando foram perguntados sobre se recebiam ajuda financeira ou conseguiam se autossustentar só com o valor de 530 reais responderam o seguinte:

> "No início recebia ajuda de familiares porque só os 530 reais não davam, mas quando tive bolsa do projeto de pesquisa do qual fazia parte, falei para minha família parar de me mandar dinheiro, consegui me autossustentar." (Kinshasa).
>
> "Recebi ajuda quando não tinha bolsa, mas depois que consegui bolsa não precisei de ajuda financeira, consegui me autossustentar." (Acra).
>
> Algumas vezes recebi apoio financeiro de familiares, também recebi apoio de amigos em Portugal, isso foi lá no início, mas depois que consegui as bolsas, tinha mais autonomia financeira e foi ainda mais quando comecei a fazer estágio remunerado na Unilab, sempre consegui pagar as minhas contas (Cairo).
>
> Consegui me manter, 530 reais não é muita coisa, mas eu morei com o meu colega e partilhávamos as despesas e conseguimos nos sustentar com esse valor, mas depois que consegui ter bolsa, a situação melhorou. Não pude ajudar a minha família com esse valor e não recebi nenhuma ajuda financeira por parte da minha família, consegui me autossustentar graças a Deus, esse valor não deu para comprar roupas de marca ou de luxo, mas deu para resolver as coisas básicas que eu tinha. Depois que consegui bolsa, isso me ajudou a comprar celular, computador e outras coisas. A gente comia no RU almoço e jantar de segunda a sexta, no sábado e domingo cozinhava em casa. (Lagos).

Esses entrevistados demonstraram dificuldades para se manter nas cidades de Acarape e Redenção com o valor de 530 reais, sendo assim tiveram que partilhar moradia para puder ajudar nas despesas de casa. Vale salientar que as cidades de Redenção e Acarape cresceram socialmente e economicamente mais por conta dos universitários da Unilab. Os produtos da primeira necessidade ficaram mais caro e até hoje se observa a subida nos preços e o auxílio estudantil da Unilab continua o mesmo valor (530 reais), isso faz com que o público estudantil perca o poder de compra, vendo suas situações

financeiras melhorar só quando conseguiram uma bolsa adicionada com o auxílio estudantil.

Sobre as experiências que tiveram com o público geral das cidades de Acarape e Redenção os participantes relataram vivências distintas:

> Foi boa graças a Deus, fora a comunidade guineense tive uma convivência forte com angolanos e brasileiros e demais outras nacionalidades [...] morei em Acarape, na primeira casa por dois anos, depois mudei para outra casa próxima do supermercado, fiquei lá até o final da minha formação. A relação com os vizinhos foi boa apesar de no início deparei com algumas dificuldades, cumprimentava as pessoas (nativos) e não me davam retorno, mas tinha uma das minhas vizinhas que era gente boa, a gente sempre conversava e tínhamos proximidade. Na segunda casa tive boa relação com todos os vizinhos tanto africanos como brasileiros. (Lagos).
>
> Eu morava em Acarape, nos primeiros momentos, na casa onde eu morava a relação com o meu vizinho foi muito difícil e o dono de casa não permitia que eu recebesse visitas e não me permitiu acolher alguém na casa, lembro que na altura tinha um irmão recém-chegado e ele não tinha ninguém para lhe acolher fora eu, esse episódio me deixou mal e fez com que eu procurasse outra casa para alugar na segunda casa que morei não mudei até terminar o meu curso porque tinha uma boa relação com o meu vizinho e o dono da casa. (Acra).

> Primeiramente morei por um mês em Redenção na pousada assim que cheguei na Unilab onde se recebiam estudantes recém-chegados. Depois que comecei a receber o meu auxílio, saí da pousada e morrei em Acarape. Sobre a relação com os vizinhos, na primeira casa que morei em Acarape não foi assim tão bom eu reservo mais no meu espaço só quando tinha alguma comemoração que a gente se aglomerava, na segunda casa foi melhor, uma convivência muito boa tinha uma vizinha compreensível sempre que tínhamos algo para comemorar avisava para ela e partilhávamos o que tinha juntos, ela participava dos nossos churrascos e isso foi fortalecendo as nossas vivências. Na terceira casa com o meu vizinho de lado foi bom, mas com o vizinho de baixo a gente não tinha proximidade, cada um no seu canto e foi seguindo. (Cairo).

As experiências relatadas pelos entrevistados evidenciam que a relação estabelecida com os moradores das cidades de Acarape e Redenção foi marcada por diferentes formas de interação, variando entre situações de acolhimento, aproximação e dificuldades de convivência. Os depoimentos demonstram que a inserção dos estudantes

no cotidiano local não ocorreu de maneira automática, mas foi construída gradualmente por meio das relações estabelecidas com vizinhos, colegas e demais moradores.

Na fala de Lagos nota-se que ele morou só na cidade de Acarape durante a realização do seu curso e teve boa relação com os vizinhos, mas relatou uma ocorrência em que pelas ruas cumprimentava os nativos da cidade e não o respondiam de volta. Já Acra relatou que não teve boa relação com o seu primeiro vizinho (dono da casa que alugou), não lhe permitia acolher ninguém e nem receber visitas, até chegar no ponto de ela não poder acolher seu próprio irmão e isso fez com que mudou de casa. Percebe-se que os entrevistados durante o curso tiveram que mudar de casa, nenhum deles ficou só numa casa até final de curso. Até o momento da entrevista a residência estudantil da Unilab no Ceará estava em construção ou a obra não estava concluída e inaugurada. Por isso os estudantes da Unilab não tinham outra alternativa fora alugar casas nas cidades de Redenção e Acarape que é exatamente aonde localizam os campi, e assim poder facilitar no acesso à universidade.

No que se refere as experiências que tiveram em outros estados em relação ao estado de Ceará, dois dos estudantes relataram que tiveram um sentimento de pertencimento nos estados onde a população negra é maioritária, porque foram respeitados e muito bem tratados.

> Quando eu fui para Bahia na capital Salvador senti muito bem representada é a cidade fora da África onde senti mais representada. Qualquer canto do Salvador que passava as pessoas me elogiava dizendo "você é original", teve um caso quando subi no Elevador Lacerda alguém falou pra mim "preta legítima" a minha colega São Tomense que estava ao lado de mim deu um riso. No Rio também fui muito bem acolhida, nas ruas as pessoas não me viam como um qualquer imigrante africana, as pessoas não me viam como uma "pobre lascada" lá me chamavam de "gringa". Em Minas Gerais "sofri racismo" uma mulher me confundiu com garçonete, porque eu era única preta, sendo que estávamos consumindo com colegas num restaurante e usando a mesma roupa. (Kinshasa).

> Ao chegar no Brasil concretamente no Ceará, Redenção e Acarape pude notar que temos muita coisa em comum, fui convidado para ministrar palestras nas escolas por amigos professores brasileiros notei que temos aproximação gastronómicas sobretudo comidas e as danças também, isso por motivos da escravidão porque os escravizados foram trazidos à força e acabaram deixando práticas culturais africanas. Percebi que o povo brasileiro é aberto à conversa sobretudo em Acarape,

atualmente estou morando em São Paulo e aqui é diferente cada um fica no seu canto e fica difícil ter uma conversa. Também fui para Guaramiranga e Pacoti isso no Ceará, percebi que nessas comunidades eles têm uma cultura bem próxima da nossa, vivem em família se respeitam. Eu tive uma colega do curso ela sempre vinha atrás de nós perguntando se compreendemos certas coisas, ela sempre fazia questão de nos ajudar a compreender as matérias e foi ela que me ensinou a fazer currículo lattes, logo no primeiro dia de aulas. Tem brasileiros bem legais que ajudam colegas quando precisarem. (Lagos).

No Ceará foi melhor, senti acolhida e nunca sofri nenhum preconceito, em São Paulo sofri preconceito na Polícia Federal de Araraquara quando fui renovar o meu documento o atendimento foi péssimo, me pediram tantos documentos que alguns nem eram necessários, mesmo assim apresentei todos que me pediram e no final disseram que não posso renovar eu fiz 4 horas no local e no final renovaram o meu documento para 1 ano, disseram que não posso ter renovação com validade de 2 anos porque não tenho registro criminal de Guiné-Bissau mas eu saí de Guiné já a 5 anos fiz esse tempo todo no Brasil. A experiência de São Paulo fora da Universidade não foi nada boa. (Acra).

Eu viajei para São Paulo e Distrito Federal só para passear e conhecer, quando saí de Ceará morei em Rio Grande do Sul e agora eu estou em Maranhão e dentre esses estados a experiência do ponto de vista positivo o Ceará perde por isso, fui feliz em Acarape mas eu sentia um certo destrato com a comunidade local sobretudo nos espaços de comércio, aquela forma de achar que os Africanos não mereciam certos privilégios que a gente demonstrava sobre nossas vidas, no entendimento deles a gente é pobre e devemos viver demonstrando a nossa pobreza, não podíamos ter poder de compra eles questionavam, teve um episódio em que um dos mototáxis disse “vocês deveriam ser metidos no contentor e afundar-vos no mar”. No Rio Grande Do Sul minha experiência de vida foi melhor do que Ceará, porque lá o estilo de vida é diferente e cada um tinha suas correrias, eu trabalhei com atendimento ao público fui operador de caixa num supermercado, mesmo assim não fui destratado, só me confundia achando que eu era venezuelano eu estava aprendendo espanhol e interagia com as pessoas. Já aqui no Maranhão senti que estou no lugar certo , porque aqui é um estado com mais da metade da população negra aqui sinto a nossa ancestralidade africana e para história estado de Maranhão é o estado que mais vieram guineenses escravizados é um estado cheio da nossa descendência e o povo aqui sabe disso e têm consciência racial, aqui você diz que é guineense as pessoas dizem assim: “ahh, olha se calhar eu sou teu parente” porque eles sabem que a maioria dos maranhenses negros escravizados vieram da Guiné-Bissau lá do porto de Cacheu. (Cairo).

Nesses quatro relatos percebe-se que uma delas, no caso Acra se sentiu bem e em casa no estado do Ceará, mas quando estava cursando mestrado sofreu um certo preconceito no momento de renovar seu RG na delegacia de migração no estado de São Paulo e mesma coisa aconteceu também com Kinshasa, quando foi para o estado de Minas Gerais, foi confundida com garçonete só por causa da sua cor de pele, sendo que estava consumindo como cliente com os colegas. Na fala do Cairo tem dois pontos que quero realçar: primeiro sobre o destrato que nós estudantes estrangeiros sofremos no Ceará, os nativos da cidade de Redenção e Acarape sempre ficavam surpresos ao ver nos comprar produtos caros, para eles nós somos extremamente pobres e devíamos continuar assim; segundo é o sentimento de pertencimento relatado pelo mesmo que sentiu no estado de Maranhão, percebe-se que ele sendo uma pessoa negra foi bem acolhido pela comunidade local, vê-se o quão importante ter consciência racial, sendo um elemento fundamental para compreender as relações sociais no Brasil, uma vez que a sociedade brasileira foi historicamente constituída por processos de colonização, escravidão e desigualdades raciais que ainda produzem efeitos atualmente.

O sentimento de gratidão pelo governo brasileiro e a Unilab é um dos aspectos comuns aos participantes da pesquisa e é notável que beneficiaram muito bem das suas formações e tiveram êxitos no progresso pessoal e vida profissional.

> Eu tive uma oportunidade boa de aprender muitas coisas na Unilab e ainda me ajudou a pensar como posso contribuir no meu país, as experiências adquiridas na universidade com o povo brasileiro, me ajudou a moldar certas caraterísticas minhas, pensar África a partir da diáspora me ajudou bastante a ver necessidade de como podemos contribuir para o nosso país, percebi que a Unilab tem um impacto significativo na minha vida profissional. Eu beneficiei da gratuidade no ensino superior aqui no Brasil e eu tenho essa consciência, amanhã quando eu for dar aula na Guiné não vou cobrar nenhum valor financeiro aos meus alunos para orientação, entendo que isso é o meu dever como professor (Lagos).
>
> O momento mais alto na minha formação foi o meu estágio remunerado que fiz na Unilab durante 1 ano e seis meses, isso ampliou minha experiência, me preparou para poder enfrentar os desafios na área de administração pública, foi uma experiência positiva, ainda é a única experiência contratual que exerci, relativamente na área da minha formação (Cairo).
>
> A minha primeira graduação aqui no Brasil é Humanidades, muitas pessoas na Unilab dos outros cursos o desvalorizam, mas para mim é o meu alicerce, hoje estou no mestrado, tenho experiência consigo debater temas muito bem, consigo escrever,

> Humanidades me ajudou muito na forma de produção acadêmica, foi fundamental e graças a esse curso hoje eu sou uma pesquisadora. Na Antropologia se eu prestasse muita atenção, não teria dificuldades hoje no mestrado porque a maioria dos textos e livros que debatíamos são os mesmos que estamos utilizando hoje no mestrado. Considero a Unilab como suporte para quem quer ir pra outras universidades (Kinshasa).

Os depoimentos indicam que os entrevistados avaliam positivamente as oportunidades educacionais recebidas, reconhecendo que a formação universitária na Unilab contribuiu significativamente para suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais. A gratuidade do ensino superior, o acesso à pesquisa, aos estágios e às atividades acadêmicas são experiências e oportunidades que não estão disponíveis no ensino superior na Guiné Bissau. Os participantes da pesquisa também associam a formação universitária a um sentimento de responsabilidade social. O depoimento do Lagos demonstra que os benefícios recebidos durante a graduação são reinterpretados como um compromisso futuro com a educação e com a sociedade guineense. Nesse sentido, o acesso ao ensino superior não é compreendido apenas como uma conquista individual, mas também como uma oportunidade de contribuir para a formação de outras pessoas e para o desenvolvimento do seu país.

Os entrevistados expressaram um forte desejo de voltar para Guiné-Bissau e atuar no mercado de trabalho, quando foram perguntados sobre expectativa de retorno ao país de origem, apesar de um deles já regressou e está atuando na sua área como docente universitário:

> Desde cedo tinha objetivo de terminar formação e voltar para Guiné-Bissau nunca pensei em ficar no Brasil sempre tive foco de terminar e voltar ao meu país então segui a agenda [...] não me arrependi de estudar no Brasil, fazer graduação e seguir para o mestrado, atualmente estou na Guiné-Bissau atuando como docente universitário dando aulas na Escola Nacional De Administração, nas disciplinas de Redação administrativa e Elaboração de projeto de conclusão de curso, e trabalho na Universidade Lusófona prestando serviço na área de redação. Já inseri no mercado de trabalho no meu país (Acra).
>
> Estou com muito desejo de poder regressar logo, já fiz a minha qualificação, mas por conta da burocracia do estágio aqui na USP não vou poder voltar agora, mas estou com desejo de poder voltar e contribuir no meu país. Muitas pessoas desejam estudar e querem aprender talvez por parte da falta de mão de obra, pessoas qualificadas para poder ensinar na Guiné. Estou bem animado

> para regressar a Guiné-Bissau, não sei quando, talvez em 2026 ainda não sei, mas no momento certo eu volto (Lagos).
> Eu estou pensando nisso, só não sei se vai ser a médio ou ao longo prazo, mas eu pretendo voltar para Guiné talvez quando iniciar ou terminar o meu doutorado e também posso adia-lo caso consiga algo que atende as minhas demandas aqui, por exemplo um emprego com salário que daria para concretizar os meus planos (Cairo).
> Quero voltar mais rápido, quanto mais cedo melhor por causa do meu trabalho de campo em Bissau que tem a ver com as mulheres do meu país que produzem "pano marcado" uma coisa que só elas podem explicar, mas se não conseguir voltar no próximo ano vou seguir para doutorado (Kinshasa).

É gratificante realizar um sonho, um sentimento de dever cumprido: percebe-se isso em todos os quatro entrevistados. Eles tinham o sonho de estudar no exterior, saíram da Guiné-Bissau atravessaram o oceano e vieram para Brasil atrás desse sonho – concretizaram de algum modo, podendo assim voltar para o país de origem com orgulho e com gratidão, relatam.

Os depoimentos revelam ainda que a formação universitária obtida no Brasil não é percebida pelos entrevistados como um projeto de afastamento definitivo da Guiné-Bissau. Pelo contrário, o retorno a Guiné é um objetivo recorrente e fortemente associado ao desejo de contribuir para o desenvolvimento social, educacional e profissional da sociedade guineense.

Acra atua como docente universitária após o retorno a Guiné. Isso demonstra concretamente como a formação adquirida na Unilab pode gerar impactos para além das trajetórias individuais, alcançando instituições de ensino e novos estudantes. Da mesma forma, os demais entrevistados relacionam o retorno à possibilidade de compartilhar conhecimentos, suprir demandas por profissionais qualificados e contribuir para o fortalecimento de diferentes áreas de atuação na Guiné-Bissau.

De acordo com as suas falas ou os relatos pudemos perceber que estes discentes se depararam com dificuldades ao chegar aqui no Brasil, tiveram que adaptar porque é uma realidade bem diferente do país de origem (Guiné-Bissau), esse deslocamento de um país para viver noutro em algum momento sobretudo no início você sente que sua identidade está sendo posto à prova.

Para Hall (1992, p. 13), dentro de nós há identidades contraditórias, impulsionando em diferentes direções de forma que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Os relatos demonstram que a identidade dos entrevistados não permaneceu estática durante a trajetória universitária, mas foi constantemente reconstruída a partir das experiências vividas na Unilab, das relações estabelecidas com diferentes grupos sociais e das reflexões produzidas pela vivência da mobilidade estudantil internacional. Nota-se que os participantes da pesquisa passaram a construir suas identidades entre diferentes espaços de pertencimento. Ao mesmo tempo em que desenvolveram vínculos acadêmicos, profissionais e afetivos no Brasil, também mantiveram fortes relações simbólicas com a Guiné-Bissau e o desejo de contribuir para o desenvolvimento do país de origem.

Segundo Amona (2020), sobre a identidade guineense, ao discutir a "guinendade", o autor demonstra que a identidade nacional da Guiné-Bissau não é fixa nem homogênea, mas resulta da convivência entre diferentes grupos étnicos, culturais e experiências históricas. Essa compreensão ajuda a interpretar as narrativas dos entrevistados, cujas identidades são constantemente reconstruídas entre a Guiné-Bissau e o Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a minha posição, isto é, o contexto no qual estou inserido como um estudante internacional vindo da Guiné-Bissau e vinculado à Unilab, partimos do método de pesquisa qualitativa, tendo como base a minha própria experiência subjetiva sobre o assunto, como um dos beneficiados do programa de cooperação na Unilab.

Essa mudança de posição, isto é, o deslocamento da Guiné-Bissau para o Brasil com fins de estudo, influenciou a forma como muitos estudantes guineenses passaram a construir suas identidades. Os relatos indicam que muitos estudantes passaram a valorizar mais o continente africano e suas culturas durante a experiência no Brasil, ao mesmo tempo em que incorporaram elementos culturais brasileiros às suas práticas cotidianas. Isso ocorre porque o processo de migração estudantil coloca os sujeitos diante de um novo

contexto sociocultural, capaz de influenciar a reconstrução e a ressignificação de suas identidades.

Este trabalho teve como objetivo analisar a cooperação educacional entre Brasil e Guiné-Bissau a partir da experiência de estudantes guineenses que realizaram sua formação superior na Unilab. Foi realizada uma análise do processo de migração estudantil e, posteriormente, entrevistas com quatro egressos guineenses da instituição, buscando compreender suas expectativas, experiências acadêmicas e percepções sobre os impactos da formação em suas trajetórias de vida.

A análise do processo de migração estudantil evidenciou que a busca pelo ensino superior representa uma importante estratégia de mobilidade social e de qualificação profissional para muitos jovens guineenses. Nesse contexto, a Unilab surge como uma oportunidade singular de acesso à educação superior, sendo uma universidade gratuita onde os estudantes não precisam pagar mensalidades. Além disso, a instituição contribui para o fortalecimento dos laços de cooperação entre os países da CPLP. A Unilab não apenas possibilita a formação acadêmica dos estudantes, mas também promove espaços de intercâmbio cultural e construção de conhecimentos compartilhados.

Os relatos dos entrevistados demonstraram que as expectativas antes da chegada ao Brasil estavam associadas principalmente à obtenção de uma formação de qualidade, à ampliação das oportunidades profissionais e ao desejo de contribuir para o desenvolvimento da Guiné-Bissau após a conclusão dos estudos. Entretanto, as experiências vivenciadas durante a graduação revelaram que o processo migratório envolve desafios que vão além da dimensão acadêmica. Questões relacionadas à adaptação cultural, à distância da família, às dificuldades econômicas e à inserção em uma nova realidade social fizeram parte do percurso dos estudantes e influenciaram suas experiências na universidade.

Apesar das dificuldades, as falas dos entrevistados indicam que a passagem pela Unilab foi marcada por importantes aprendizagens acadêmicas, pessoais e interculturais. Eles também destacaram o contato com diferentes nacionalidades, culturas e perspectivas como um dos aspectos relevantes da sua formação. Essa convivência permitiu o desenvolvimento de competências que ultrapassam o âmbito profissional, contribuindo para a formação de sujeitos mais preparados para atuar em contextos diversos e multiculturais.

Outro ponto relevante identificado na pesquisa refere-se à transformação das expectativas dos estudantes ao longo de sua trajetória acadêmica. As falas revelam que muitas das expectativas iniciais foram se ampliando diante das experiências vividas na universidade e na sociedade brasileira. A formação recebida na Unilab contribuiu não apenas para a obtenção de conhecimentos técnicos e científicos, mas também para o fortalecimento do compromisso com o desenvolvimento social.

Os resultados da pesquisa reforçam a importância da cooperação educacional como instrumento de aproximação entre países do Sul Global e como estratégia para a formação de recursos humanos qualificados. Ao investir na formação de estudantes internacionais, especialmente oriundos de países com precariedade no ensino, cria-se a possibilidade de ampliar a circulação de conhecimentos, fortalecer redes de cooperação e contribuir para processos de desenvolvimento mais inclusivos.

Este estudo permitiu compreender que a experiência dos estudantes guineenses na Unilab vai além da formação universitária, constituindo-se como uma trajetória marcada por desafios, aprendizagens e transformações pessoais. Os resultados também indicam que a mobilidade estudantil internacional desempenha um papel relevante na construção de identidades, na ampliação de horizontes profissionais e na formação de sujeitos comprometidos com a produção e a circulação do conhecimento. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para o aprofundamento dos debates sobre migração estudantil, internacionalização da educação superior e cooperação educacional, bem como incentivar novas investigações sobre as trajetórias de estudantes africanos no contexto das universidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

AMONA, D. P. F. **Narrativas sobre a Guinendade/i: identidade nacional e diversidade étnica na Guiné Bissau.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia, UFC/UNILAB, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

BRASIL. Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível em: Portal da Legislação - Lei n 12.289/2010. Acesso em: dez. 2025.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)**. Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/d55613.htm. Acesso em: jul. 2026.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG)**. Brasília, DF: CAPES, [s. d.]. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/multinacional/programa-de-estudantes-convenio-de-pos-graduacao-pec-pg. Acesso em: jan. 2026.

DIÓGENES, C. G.; AGUIAR, J. R. (org.). **UNILAB: caminhos e desafios acadêmicos da cooperação Sul-Sul.** Redenção, CE: UNILAB, 2013.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUSMÃO, N. M. M. Apresentação. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 1, p. 13–21, 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000100002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

MILLS, W. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar,1975.

MOURÃO, D. E. **Guiné-Bissau e Cabo Verde: identidades e nacionalidades em construção**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 1, p. 83–101, jan./abr. 2009.

RIZZI, K. R. **O grande Brasil e os pequenos PALOP: a política externa brasileira para Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe (1974–2010).** Porto Alegre: Leitura XXI, 2014.

SEIDI, M; INTUMBO, M. L.; CAETANO, L. M. **Instabilidade política e seus impactos nas políticas públicas educacionais na Guiné-Bissau.** Revista de Estudos Interdisciplinares, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 63–72, 2022. Disponível em: https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/336. Acesso em: 27 out. 2026.

SILVA, G. F. **Considerações sobre criminalidade: marginalização, medo e mitos no Brasil**. Revista Brasileira de Segurança Pública, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 90–105, 2011. DOI: https://doi.org/10.31060/rbsp.2011.v5.n1.85. Disponível em: https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/85. Acesso em: 27 out. 2026.

SIONEK, L; ASSIS. D. T. M.; FREITAS, J. L. **"Se eu soubesse, não teria vindo": implicações e desafios da entrevista qualitativa.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 25, e44987, 2020. DOI: https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44987.

SOUZA, O. R.; MALOMALO, B. **Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará**. Interfaces Brasil/Canadá, Canoas, v. 16, n. 1, p. 256–293, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7731. Acesso em: fev. 2026.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). Dados institucionais sobre egressos guineenses da UNILAB, 2011–2025. Redenção, CE: UNILAB, 2025.